

PELEJA NA CIDADE: REVISITANDO A OBRA “OS GLORIOSOS COME-FOGO NA HISTÓRIA DE RIBEIRÃO PRETO”, DE RUBEM CIONE (1918-2007)

Rogério Duarte Fernandes dos Passos¹

Sobre o autor

Nascido em 1918 em Monte Azul Paulista, no Estado de São Paulo, e falecido em 2007 na também paulista Ribeirão Preto, cidade para a qual se mudou com a família em 1934, Rubem Cione foi possivelmente o nome proeminente da intelectualidade ribeirão-pretana ao longo do Século XX.

Advogado, jornalista, filósofo, historiador, homem público e membro de associações científicas diversas, Cione também foi professor em universidades e instituições de ensino da cidade, e ao lado de inúmeros outros trabalhos – sobretudo, na área jurídica –, já a partir de 1934 iniciou pesquisas para redigir os cinco tomos de sua “História de Ribeirão Preto”, da qual o livro “Os Gloriosos Come-Fogo na História de Ribeirão Preto”, publicado em 1988 pela Gráfica e Editora Imag de Matão, é separata do capítulo XII do primeiro volume, abordando o clássico futebolístico disputado entre Comercial e Botafogo, as duas equipes de futebol profissional do município.

Sobre os clubes, a obra e o clássico “Come-Fogo”

Fundado em 1911, em sua gênese, o Comercial Futebol Clube refletiu o poderio econômico do café e do comércio de Ribeirão Preto do início do Século XX, alcançando prestígio nos confrontos regionais.

Já o Botafogo Futebol Clube, fundado em 1918, representou a fusão de clubes da Vila Tibério – o bairro de sua sede histórica – e trouxe em sua criação a participação de ferroviários e funcionários da Companhia Antartica Paulista de bebidas.

Assinalada as histórias dos clubes – paralelas a sucessos e muitas crises – Rubem Cione incorpora em seu relato uma perspectiva característica de

¹ Mestre em Direito Internacional pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente em escolas técnicas do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), no Estado de São Paulo. E-mail: rdfdospassos@gmail.com.

construção da nacionalidade vigente no cenário antropológico brasileiro do Século XX, quando acreditava-se que o Brasil, enquanto enorme laboratório social – e incorporando as contribuições de diferentes povos –, construiria um elemento humano original, destinado a um futuro protagonismo mundial, cuja maior propaganda dar-se-ia no esporte e, notadamente, por meio do futebol.

No contexto brasileiro, o ideal exposto pelo autor, entretanto, não deixa de ser herdeiro do adágio “mens sana in corpore sano”, do poeta romano Décimo Júnio Juvenal (ca. 55-60, depois de 127), que na obra “Sátira X”, enuncia, desde a Antiguidade Clássica remota, o que verdadeiramente deveria ser buscado pelo indivíduo, pois uma mente sã somente teria lugar em um corpo são, como em um corolário lógico da concepção antropológica de Aristóteles (348-322 a.C.), em que sendo parte integrante da natureza e do universo, o homem se constituiria de corpo (matéria) em unidade ao espírito (alma). Desse âmbito em macrocosmo, Cione deduz uma perspectiva lógico-dedutiva para alcançar a sua premissa particular, aqui posicionada em Ribeirão Preto e no imaginário local herdeiro de uma tradição sublinhada pelo poderio da cultura do café, riqueza que não somente fomentou oligarquias paulistas no Século XX, mas igualmente alçou a cidade a uma posição de destaque na chamada “Alta Mogiana”, como é conhecida a região nordeste do Estado de São Paulo.

Em sua configuração espacial e simbólica, construções como o Hotel Brasil, localizado no cruzamento da Rua General Osório com a Avenida Jerônimo Gonçalves, e o complexo arquitetônico do chamado “Quartirão Paulista” – de onde se destacam o “Theatro Pedro II” (sic), a choperia e restaurante Pinguim, o Palace Hotel e, em estilo “Art déco”, o Edifício Diederichsen –, se tornam símbolos do ideal civilizatório de Ribeirão Preto descrito por Rubem Cione, ao qual adicionar-se-iam na condição de elementos ativos o Estádio Antônio Costa Coelho, pertencente ao Esporte Clube Mogiana, no bairro Vila Virgínia, que se tornou o palco do Comercial, futuramente substituído pelo Estádio Dr. Francisco Palma Travassos, este, no Jardim Paulista, de propriedade do clube, e, também, pelo Estádio Luiz Pereira, do Botafogo, na Vila Tibério, substituído pelo Estádio Santa Cruz, no bairro Ribeirão – os mais recentes de ambos os clubes, estádios de grande porte – convencionando, ao lado do trabalho de ilustração de uma entusiástica intelectualidade atuante na imprensa – que também contava com

nomes do quilate de Divo Marino (1925-2015) e José Pedro Miranda (1930-1999) –, aquilo que o autor, em seu referencial de memória afetiva, proclamava: “quem disser que Ribeirão Preto não tem tradições é porque não tem tradição em Ribeirão Preto” (CIONE, 1988, p. VII).

As pelepas entre Comercial e Botafogo ocorrem, por primeiro, em competições locais e em fase amadora, seguindo-se os embates na era profissional e no interior de competições organizadas pelas entidades gestoras do futebol paulista, sendo que, finalmente em 1954, escrevendo para o jornal “Diário da Manhã”, o cronista Lúcio Mendes (1930-2005) cria e imortaliza a expressão “Come-Fogo” como o nome do clássico.

E, para melhor contextualizar o nosso texto, é oportuno indagar: no futebol, o que é um clássico? Notadamente é um confronto entre clubes que vem do passado, denotando rivalidade, qualidade técnica, narrativas quase lendárias e disputas simbólicas entre comunidades ou torcidas, em um evento que continua relevante no momento presente. Não resta dúvida que Cione demonstra eficazmente que o Come-Fogo alcançou esse “status”. Contudo, de um Comercial que possuiu em seus quadros atletas como Jair Bala (1943-2022) e Carlos César (1938-2011), e de um Botafogo que desfilou o talento dos irmãos Sócrates (1954-2011) e Raí, as tradições de outrora retratadas por Rubem Cione e, mesmo, aquelas que o autor dessa resenha pôde pessoalmente presenciar em Ribeirão Preto na década de 1980 – quando as partidas traziam grandes públicos e envolviam uma mobilização cidadina profundamente turbinada pelo rádio da antiga frequência de ondas médias (AM) –, estão distantes do panorama que se vê na contemporaneidade, em que o futebol globalizado e divulgado em massa pela televisão e Internet não apenas trouxe para o imaginário e sentimento a onipresença dos grandes clubes do futebol paulista e brasileiro, mas também a preferência dos torcedores locais pelos times do futebol europeu.

Ademais, ainda que na cidade tenha sido promulgada a Lei Municipal nº 586/2014, que declara o clássico Come-Fogo como patrimônio cultural e imaterial do povo ribeirão-pretano, o “finis coronat opus” desejado por Rubem Cione na qualidade de estado da arte de uma tradição secundada por um “grand finale”, após retumbante começo e desenvolvimento épico, está distante da realidade do momento presente, conformado em um cenário no qual os clubes do

interior, revelando poucos jogadores de expressão, permanecem imersos em dívidas e presenciam públicos pouco expressivos em suas arquibancadas.

De qualquer maneira, a obra “Os Gloriosos Come-Fogo na História de Ribeirão Preto” se constitui em um testemunho da peleja de futebol como o mais relevante lugar das manifestações populares na história do município, sendo uma peça e repositório que atesta não somente a grandeza pessoal e intelectual do autor Rubem Cione, mas igualmente a sua preocupação em alocar as memórias cidadinas junto ao ideal de cumprimento de um destino inexorável de magnificência que permeou não apenas o imaginário coletivo ribeirão-pretano, ambiente o qual desenvolveu a sua vida, mas que também permeou a construção da imagem de eficiência e sucesso da nacionalidade que em boa medida vigorou nos gramados brasileiros ao longo do Século XX.

Referência

CIONE, Rubem. **Os Gloriosos Come-Fogo na História de Ribeirão Preto**. Matão: Imag, 1988, 81 p.